

# *ATITUDES SOCIOLINGUÍSTICAS DE MORADORES DA COMUNIDADE DE CORIXA (CÁCERES-MT): UM ESTUDO SOBRE A FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA*

*SOCIOLINGUISTICAL ATTITUDES OF RESIDENTS FROM THE COMMUNITY OF CORIXA  
(CÁCERES-MT): A STUDY ON THE BORDER BRAZIL / BOLIVIA*

Fernando Jesus da SILVA<sup>1</sup>  
Jocineide Macedo KARIM<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho busca discutir as atitudes sociolinguísticas de consultores nativos brasileiros moradores da Comunidade de Corixa, localizada em Cáceres-MT, mais precisamente na fronteira com o município de San Matias (Bolívia) em relação ao boliviano e à(s) língua(s) falada(s) nesse espaço fronteiriço. Trata-se de uma pesquisa preliminar que tem o embasamento de autores como Silva (2012), Tarallo (1986), Mollica (2004), Lambert (1968), Amancio (2007), Kramersch (1993). Para a constituição do *corpus*, foram entrevistados 12 consultores nativos brasileiros, distribuídos em 04 grupos (H1, H2, M1, M2) de acordo com as seguintes variáveis: sexo, faixa etária e grau de escolaridade.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Fronteira. Atitudes Linguísticas. Cáceres. San Matias.

**ABSTRACT:** This work seeks to discuss the sociolinguistic attitudes of Brazilian native consultants from the community of Corixa, located in Cáceres-MT, more precisely on the border with San Matias city (Bolivia) in relation to the Bolivian people and spoken language (s) in that border area. It is a preliminary research based on authors such as Silva (2012), Tarallo (1986), Mollica (2004), Lambert (1968), Amancio (2007) and Kramersch (1993). For the constitution of the corpus, 12 Brazilian native consultants were interviewed in four groups (H1, H2, M1, M2) according to the following variables: gender, age group and educational level.

**Key words:** Sociolinguistic. Border. Linguistic Attitudes. Cáceres. San Matias.

## **Introdução**

Conhecida nacionalmente como rota do narcotráfico, a fronteira entre Cáceres e San Matias parece não ter tido outro tipo de destaque nos últimos anos. O contrabando, roubos,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e docente da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Contato: nando\_jesilva01@hotmail.com.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Contato: jocineidekarim@yahoo.com.br

homicídios entre outras categorias de crime configuram sua imagem de forma negativa, em oposição a outras realidades que circunscrevem o mesmo espaço, mas que não possuem visibilidade por falta de conhecimento da sociedade ou mesmo pela forma como os meios de comunicação fazem sua divulgação.

O historiador Silva Paula (2008, p. 31) explica que desde o século XX, “a representação da fronteira na região de São Luiz de Cáceres era sempre associada à violência, como uma terra sem lei, terra de ninguém, como também espaço que possibilitava o contrabando”. Esse contexto fez com que diferentes órgãos de segurança fossem implantados nessa região, o que produziu, com efeito, uma alteração do espaço e das relações comunitárias entre brasileiros e bolivianos, portanto, influenciou no modo de organização das línguas e de seus falantes.

De acordo com Silva (2012), a demarcação territorial entre Brasil e Bolívia se tornou mais estrutural com a presença de marcos, sinalização de placas, e principalmente de instituições de controle, de ensino, de segurança nacional. Por isso, sustentamos a hipótese de que o contato linguístico na Comunidade Corixa – localizada na fronteira com San Matias (Bolívia) - foi sendo afetado no decorrer do tempo por esse crescente desenvolvimento da área de segurança e fiscalização, bem como do papel da mídia em divulgar a fronteira, na maioria das vezes, de forma negativa.

Para exemplificar de que maneira a fronteira é divulgada nos meios de comunicação, selecionamos, a título de ilustração, uma reportagem do jornal online de Cáceres, chamado *Jornal Oeste* do dia 20 de agosto de 2017, com a seguinte manchete *Mulher é presa ao tentar passar pela barreira do Gefron com drogas nas partes íntimas*. Nessa reportagem, a Corixa é reportada como rota do narcotráfico no trecho que diz “de acordo com os policiais do Gefron, a mulher natural de Jaú-SP, tentou adentrar pela fronteira, na localidade da Corixa (grifo nosso), porém ao realizar a revista aos pertences da mulher, a mesma mostrou-se muito nervosa, fato que chamou a atenção dos policiais”. De acordo com a pesquisa encomendada pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso (ALMT) a respeito da fronteira entre Mato Grosso e Bolívia:

A área da Corixa e seu entorno, com suas florestas, montanhas, nascentes de água, piscinas, comunidade San Juan de Corralito, já é conhecida e utilizada como área de lazer, tanto pelos matienses, quanto pela população rural próxima de Cáceres e, cacerenses. Esta área, com suas instalações militares, de controle fronteiriço, estação de desembargo aduaneiro, escola, tendem a evoluir em complexidade, com demanda para estacionamentos, serviços de alimentação, etc. Nesta área, pode ser projetado e implantado o primeiro parque de integração da fronteira, que utilize o seu potencial paisagístico e de lazer, unida as atividades de serviços fronteiriços, e crie assim, alternativas de emprego e renda para a população (ALMT, 2016, p.136).

Embora tenha todo esse potencial turístico, a fronteira entre Cáceres e San Matias ainda é marginalizada, pois a imagem como rota do narcotráfico sobressai a qualquer aspecto positivo que tenha. Esse tipo de matéria jornalística apresenta discursos negativos sobre a Corixa ao fazer generalizações sobre a fronteira e sobre os sujeitos fronteiriços dessa comunidade.

Nesse sentido, Albuquerque (2014) explica que a mídia se concentra, em grande parte, na ilegalidade e na insegurança na fronteira e esquece de divulgar nuances da vivência das populações fronteiriças.

Uma fronteira que ora fala “brasileiro” ora fala “castilha” é significada por seu silenciamento, por sua complexidade sociolinguística e pelos modos como é aparelhada pelo Estado, isto é, por suas instituições de segurança nacional, educação e de controle.

Destacamos, aqui, a presença do Exército Brasileiro no Destacamento de Corixa, na Escola Municipal Marechal Rondon, da Aduana Nacional, no Indea (Barreira Sanitária) e no Gefron (Grupo Especial de Fronteira).

De acordo com Silva (2012, p.12), a Corixa se constitui como um:

“(...) espaço fronteiriço que se estrutura de forma diferente do urbano já que há uma ordem fronteiriça cujos mecanismos de controle/assujeitamento, que sustentam os Aparelhos Ideológicos e Repressivos do Estado (Althusser, 1985), produzem o efeito de delimitação, separação, intervenção, principalmente sobre o *outro*, o estrangeiro, o de fora, o não pertencido.

Dentro desse contexto coercitivo, questionamos: como podemos pensar a língua, ou melhor, as línguas faladas nessa fronteira, sobretudo, as atitudes sociolinguísticas dos moradores dessa comunidade em relação aos seus vizinhos bolivianos?

Motivados por esse questionamento, nosso trabalho busca, por meio da Sociolinguística, juntamente com os estudos sobre atitudes linguísticas desenvolver uma análise a respeito da relação entre brasileiros e bolivianos na Corixa e, dessa forma, determinar se as atitudes expressas pelos informantes estão em parte relacionadas ao nível linguístico ou à valorização de determinado grupo social.

## **A Corixa**

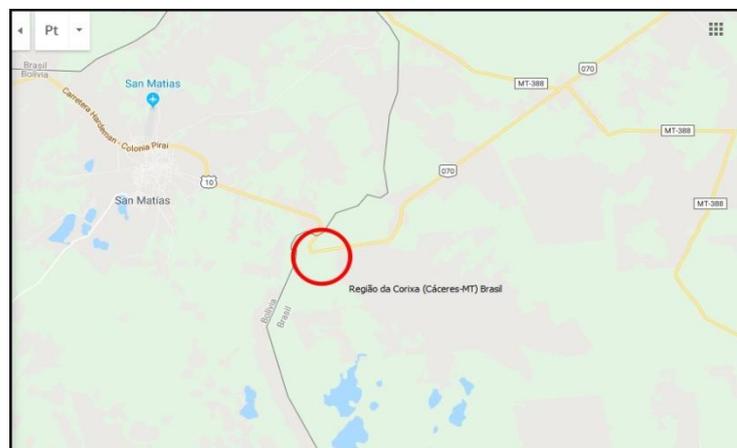
O município de Cáceres está localizado, aproximadamente, a 80 km da fronteira do Brasil com a Bolívia, cujo trajeto pode ser realizado pela BR 070 até chegar ao Destacamento Militar de Corixa e, logo em seguida, ter acesso à cidade boliviana de San Matias. Além deste percurso oficial, há também as chamadas “estradas cabriteiras” (JANUÁRIO, 2004), isto é, caminhos

*CLARABOIA, Jacarezinho/PR, v.12, p. 28-47, jul./dez, 2019. ISSN: 2357-9234.*

alternativos dentro de sítios e fazendas que não possuem fiscalização, utilizadas na maioria das vezes para o tráfico de drogas, carros roubados, entre outros tipos de crime.

Apresentamos, a seguir, o mapa de localização da Corixa, circulada na cor vermelha. Por meio da imagem podemos perceber que se trata de um espaço distante tanto da zona urbana de San Matias (07 km), quanto da zona urbana de Cáceres (80km), configurando-se como uma fronteira rural, pois está rodeada de chácaras, sítios, fazendas e assentamentos. Essas características geográficas, somadas às relações institucionais de segurança, acreditamos que determinam, juntamente com a influência da mídia, a relação entre brasileiros e bolivianos, logo as atitudes sobre a(s) língua(s) que falam.

*Mapa com localização geográfica da Corixa*



Fonte: Imagens Google

Além da condição geográfica, a questão econômica é outro fator determinante na hora de compreender as relações sociais entre brasileiros e bolivianos na Corixa. Antes da implantação do Exército, através de seu destacamento, as relações de troca entre as comunidades brasileira e boliviana eram mais efetivas, já que não era comum realizar viagens com certa periodicidade a Santa Cruz de la Sierra, muito menos a Cáceres em função das condições da estrada, comunicação e principalmente meio de transporte. De acordo com Cuéllar & Yavari (2008, p.129):

San Matias desde sus primeras épocas estuvo totalmente abandonado, era la única frontera de Bolivia en la que no había presencia del Estado, además que era de difícil llegar a esta región por ser una zona pantanosa. Casi gran parte de su territorio comprende el Pantanal boliviano; la única vinculación que se tenía era con los vecinos del Brasil, el puerto Descalvado y la ciudad de San Luiz de Cáceres, que se encuentra a 80 km, de nuestra población. A pesar de las condiciones del camino pantanoso y estrecho, por allí sólo transitaban los carretones rumbo a Descalvado, era el único medio de transporte que se conocía, además que existía la dificultad de atravesar el río

Jaurú, que es un brazo del río Paraguay; este río se halla a 40 km de forma en que se podía atravesar era en la época de sequía, cuando estaba más bajo y manso, se atravesaba utilizando salva-vidas hechos con cuero de vaca o en pequeñas balsas rústicas de madera.

Esse contexto de distanciamento dos núcleos urbanos junto com a falta de maior controle do espaço por forças militares permitiram uma maior aproximação entre as comunidades brasileira de Corixa com a comunidade boliviana de San Juan de Corralito, hoje mais conhecida como Corixa boliviana.

A distância dos centros urbanos facilitava as relações (inter)fronteiriças, isto é, o hábito de ir a casa dos amigos, de parentes não passava pela esfera do controle, da fiscalização como ocorre atualmente. Portanto, falar a língua do outro, seja português e/ou espanhol, acontecia de forma mais dinâmica e com mais domínio. Podemos inferir que havia uma comunidade bilíngue, fruto dessas relações, ou seja, pai brasileiro casado com mãe boliviana. Hoje de acordo com os consultores<sup>3</sup>, as relações conjugais em grande parte se dão por interesses, isto é, para aquisição de benefícios como programas sociais, ou mesmo para adquirir cidadania brasileira.

Embora a língua se coloque como conformadora de uma unidade nacional, ou seja, como homogênea, notamos que, na realidade, há uma diversidade linguística na fronteira que embate com esse imaginário monolíngue que procura apagar a existência de outras línguas, bem como de outros modos de significar a identidade fronteiriça.

Há, portanto, um grande paradoxo na medida em que o cotidiano é posto em suspenso frente a essa unidade linguística que não deixa de ser política. Dessa forma, queremos entender as atitudes linguísticas dos brasileiros moradores da Corixa, que se dividem e ao mesmo tempo se unem pela(s) língua(s) que os separa na fronteira Brasil/Bolívia.

### **Atitudes Sociolinguísticas**

Este trabalho busca identificar as atitudes sociolinguísticas dos moradores brasileiros da comunidade da Corixa em relação aos bolivianos. Por se tratar de área de fronteira, é inevitável relacionar língua e cultura, já que, segundo Kramsch (1993), é uma relação indissociável.

Amâncio (2007, p.42), a esse respeito, afirma que:

---

<sup>3</sup> Designamos consultor nativo o morador da Corixa que foi entrevistado nessa pesquisa. *CLARABOIA, Jacarezinho/PR, v.12, p. 28-47, jul./dez, 2019. ISSN: 2357-9234.*

O conceito de atitude, em sua origem, foi discutido pelos pesquisadores da psicologia social, que buscavam respostas para entender certos comportamentos humanos e suas motivações. Mais tarde, este fenômeno passou a interessar aos linguistas, que passaram a direcionar as pesquisas sobre atitudes para a esfera da língua, ou seja, investigando as manifestações positivas ou negativas que os falantes fazem sobre a fala dos outros indivíduos e sobre sua própria fala.

De acordo com Tarallo (1986, p.14), as “(...) atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado”. Nessa perspectiva, Amâncio (2007, p. 41), explica que “(...) os falantes se identificam e identificam os outros através da língua, ou seja, a língua é vista pelos falantes como um símbolo de sua identidade social”.

Enquanto ser social, o ser humano interage, produz conhecimento, significa e é significado o tempo todo. Dentro desse processo de significação constrói simulacros que acabam afetando suas relações interpessoais e seu modo de ver o mundo. Esse olhar afeta sua atitude frente à realidade que se lhe apresenta, seja em relação ao nível do comportamento, do afeto ou do cognitivo. De acordo com Lambert (1986 p. 100-101):

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente. Os componentes essenciais de atitudes são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, bem como tendências para reagir. Podemos dizer que uma atitude se forma quando tais componentes estão de tal modo inter-relacionados que as tendências de reação e os sentimentos específicos se tornam coerentemente associados ao objeto da atitude. Nossas atitudes se desenvolvem quando enfrentamos nossos ambientes sociais e nos ajustamos a eles. Uma vez criadas as atitudes, estas levam regularmente a nossos modos de reagir e facilitam o ajustamento social.

O ajustamento social caracteriza, portanto, o condicionamento do comportamento humano, logo produz como efeito um controle interno, uma adequação à realidade que é considerada coletiva. Dessa maneira, podemos dizer que o sujeito fronteiriço, neste caso, o brasileiro morador da comunidade de Corixa ao mesmo tempo que reconhece suas práticas fronteiriças de ruptura territorial e linguística, caracteriza-se pela negação dessa singularidade que o constitui, pois está afetado pelo modo como sua comunidade é significada dentro e fora do espaço fronteiriço, bem como pelo imaginário de unidade linguística, de um espaço homogêneo.

De acordo com Mollica (2004), todas as línguas são heterogêneas por natureza, por isso, variam. Em geral, apresentam uma diversidade que se distribui em *continuum*, que na fronteira flui enquanto uso linguístico tanto do português quanto do espanhol, mas que se dispersa na medida em que se faz ecoar uma identidade nacional, logo institucionalizada.

Nesse sentido, Rajagopalan (1998) explica que a noção de identidade está constituída de ideologia. Isso significa dizer que o fato de se autoafirmar como brasileiro, o morador da Corixa

*CLARABOIA, Jacarezinho/PR, v.12, p. 28-47, jul./dez, 2019. ISSN: 2357-9234.*

implicitamente produz o efeito de negação, isto é, não é boliviano, fato similar ao que acontece com relação a língua que se fala e que se deixa de se falar.

Para Fernández (1998), dependendo da atitude do falante, isto é, se é positiva ou negativa a depender do contexto, pode haver um esquecimento da língua ou o impedimento da difusão de determinada variedade. Se pensarmos a Corixa dentro dessa perspectiva, notaremos que as relações atuais de comunicação dos brasileiros com os bolivianos se dá de forma separada, isto é, cada um na sua língua conforme resposta dos consultores. O portunhol, enquanto *interlíngua*, ou língua misturada, parece não ter tanto espaço nessas relações, porque a comunicação está pautada primeiramente na diferença para depois a busca de semelhanças..

### **Análise dos dados**

A constituição do *corpus* desta pesquisa se deu por meio das respostas obtidas de um questionário<sup>4</sup> padrão, utilizado na entrevista de 12 consultores nativos brasileiros, moradores da comunidade de Corixa, com idade entre 20 e 60 anos, com grau de escolaridade variada, ou seja, alguns nunca estudaram, outros possuem ensino fundamental (incompleto) e poucos, ensino médio, todos de classe sócio-econômico-cultural baixa.

O questionário possui perguntas tanto abertas quanto fechadas sobre dados pessoais dos consultores, bem como de aspectos sociais e linguísticos relacionados à fronteira. Para a análise, selecionamos 11 (onze) questões que consideramos pertinentes para este trabalho, já que o questionário está composto por 56 perguntas. Dessa forma, utilizamos as seguintes questões:

Q01. *Há quanto tempo você, o(a) senhor(a) mora na Corixa?*

Q02. *Na sua opinião, viver aqui é ( ) bom ( ) ruim? Por quê?*

Q03. *Como é a convivência com os bolivianos no dia a dia?*

Q04. *Com que frequência, você, o(a) senhor(a), vai a San Matias?*

Q05. *Você, o(a) senhor(a), tem vontade de morar em San Matias? Por quê?*

Q06. *Você, o(a) senhor(a), tem amigos bolivianos?*

Q07. *Seus amigos moram na Corixa boliviana, no centro de San Matias, ou em ambos?*

Q08. *Você, o(a) senhor(a), tem parentes em San Matias?*

Q09. *Como se chama a língua que falam seus amigos bolivianos?*

Q10. *Você, o(a) senhor(a), sabe falar espanhol? Caso SIM, como você, o(a) senhor(a), aprendeu? Caso*

*NÃO, por que não quis aprender?*

---

<sup>4</sup> A base de elaboração do questionário desta pesquisa teve como referência o trabalho de Amancio (2007). *CLARABOIA, Jacarezinho/PR, v.12, p. 28-47, jul./dez, 2019. ISSN: 2357-9234.*

Q11. *Quando o boliviano chega para conversar com você – senhor(a)-, em que língua vocês se comunicam?*

A análise será feita de acordo com as seguintes variáveis: sexo, faixa etária e grau de escolaridade. Assim, temos o seguinte quadro de informações: 06 homens e 06 mulheres divididos em dois grupos, ou seja, um composto por consultores com idade entre 20 a 40 anos e outro com 45 e 60 anos.

Dessa forma, estabelecemos a seguinte subdivisão: Grupo H1 (homens entre 20 e 40 anos), Grupo H2 (homens entre 45 e 60 anos), Grupo M1 (mulheres entre 20 e 40 anos) e Grupo M2 (mulheres entre 45 e 60 anos). A tabela abaixo mostra, com detalhamento, as informações dos consultores nativos desta pesquisa.

*TABELA: Caracterização dos consultores nativos da pesquisa*

SIGLA CONSULTOR	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	NATURALIDADE	PAÍS
H1-01	M	24	Ensino Fundamental Incompleto	Cáceres (Corixa)	Brasil
H1-02	M	25	Ensino Médio Completo	Cáceres (Corixa)	Brasil
H1-03	M	26	Ensino Médio Incompleto	Cáceres (Corixa)	Brasil
H2-04	M	55	Ensino Fundamental Incompleto	Cáceres (Corixa)	Brasil
H2-05	M	57	Ensino Fundamental Incompleto	Cáceres (Corixa)	Brasil
H2-06	M	63	Não foi alfabetizado	Cáceres (Corixa)	Brasil
M1-07	F	23	Ensino Médio Incompleto	Cáceres (Corixa)	Brasil
M1-08	F	27	Ensino Médio Completo	Cáceres (Corixa)	Brasil
M1-09	F	39	Ensino Fundamental Incompleto	Cáceres (Corixa)	Brasil
M2-10	F	46	Ensino Fundamental	Cáceres (Corixa)	Brasil

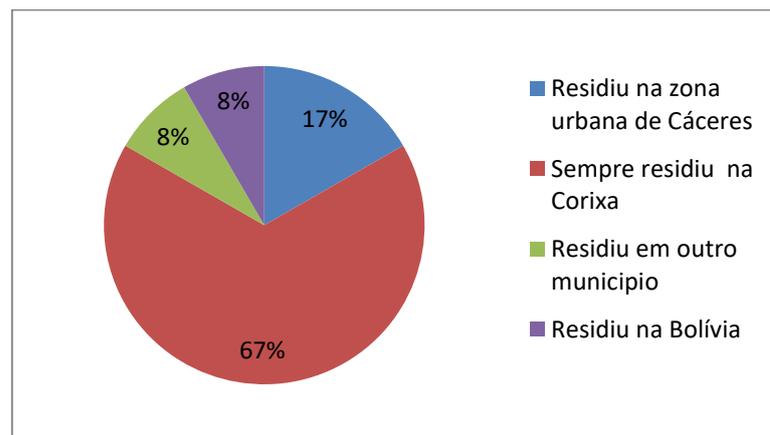
			Incompleto		
M2-11	F	48	Não foi alfabetizada	Cáceres (Corixa)	Brasil
M2-12	F	60	Ensino Fundamental Incompleto	Cáceres (Corixa)	Brasil

Fonte: Tabela elaborada pelo autor com base em Amancio (2007).

No início da pesquisa, tínhamos a impressão de que a proximidade com a Bolívia faria de todos os moradores brasileiros falantes bilíngues, com domínio do português e do espanhol. Entretanto, vamos demonstrar, por meio dos dados obtidos, que, se trata de uma fronteira bastante difusa, tomada por relações de controle, de poder e de negação a(s) língua(s).

Como princípio metodológico, selecionamos consultores que fossem nativos de Cáceres. Por meio da Q01. *Há quanto tempo você, o(a) senhor(a), mora na Corixa?*, obtivemos os seguintes dados:

Gráfico 01: Tempo de Residência na Corixa



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nas entrevistas.

De acordo com o gráfico acima, 67% dos consultores nativos entrevistados nunca saíram da Corixa, dado que demonstra um longo tempo de convivência com os bolivianos. Já os demais moraram fora, porém retornaram a Corixa. Questionados sobre deixar a comunidade, todos responderam que não pretendem sair porque se sentem felizes junto aos seus familiares.

Na entrevista, também foi feita a seguinte pergunta: Q02. *Na sua opinião, viver aqui é ( ) bom ( ) ruim? Por quê?*. Todos os consultores apresentaram uma atitude bastante positiva sobre a residência na Corixa respondendo “Bom”, com as seguintes razões:

H1-01: “Viver aqui é tranquilo, não tem roubo”.

H1-02: “lugar tranquilo”.

- H1-03: “(...) não tem pressão como na cidade”.
- H1-04: “É bom porque tem como plantar laranja, banana, mandioca...”
- H1-05: “Ninguém rouba, todo mundo dorme tranquilo”.
- H1-06: “Tranquilo”
- M1-07: “Porque aqui é calmo, é tranquilo”.
- M1-08: “Um lugar quieto”.
- M1-09: “Porque é calmo, você pode plantar, colher”.
- M2-10: “Lugar sossegado, não tem ladrão, bandido”.
- M2-11: “Porque é sossegado, não tem o que reclamar”.
- M2-12: “Não tem roubo, é tudo tranquilo”.

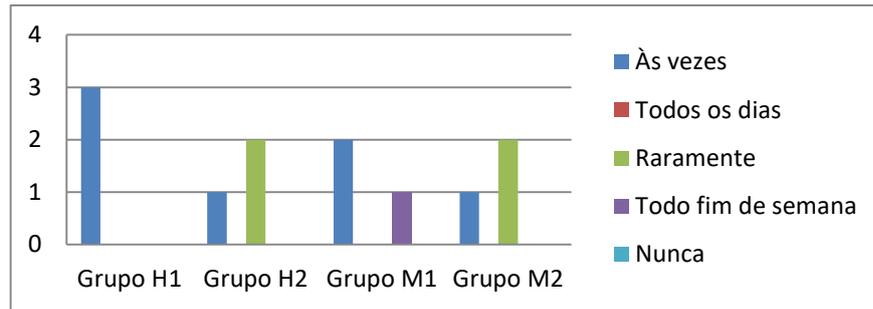
Podemos observar que a segurança é um dos motivos que tornam a Corixa um lugar tranquilo. O aparelhamento produz esse efeito porque os moradores já estão acostumados aos gestos de controle do cotidiano fronteiriço.

Dentro desse contexto, fizemos a seguinte questão aos consultores: Q03. *Como é a convivência com os bolivianos no dia a dia?* Obtivemos as seguintes respostas:

- H1-01: “É tranquilo, não sai briga”.
- H1-02: “Tranquila”.
- H1-03: “São ‘hermanos’, nós convivemos com eles e eles com nós”.
- H1-04: “Convive bem”
- H1-05: “Os bolivianos são hospitaleiros”.
- H1-06: “Tranquila”
- M1-07: “São amigos”.
- M1-08: “Tranquila”.
- M1-09: “Boa”.
- M2-10: “Boa, não há nada de diferente”.
- M2-11: “É boa”.
- M2-12: “Eles são hospitaleiros”.

Para entender melhor essa convivência com o boliviano, fizemos também a seguinte pergunta: Q04. *Com que frequência, você, o(a) senhor(a), vai à San Matias?* E obtivemos o seguinte quadro de respostas:

*Gráfico 02: Frequência de viagens a San Matias.*



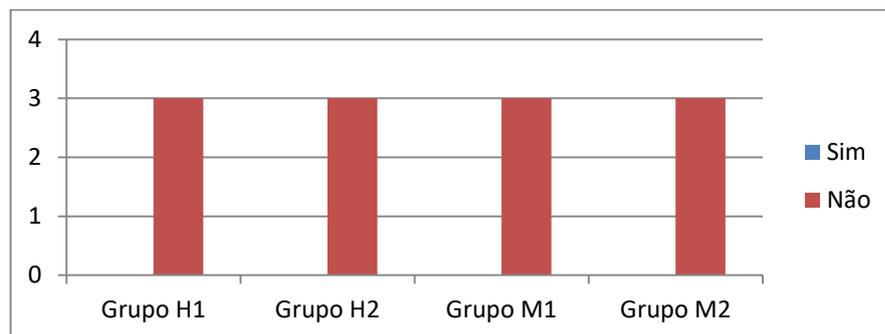
Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nas entrevistas.

Podemos analisar que o grupo H1 vai a San Matias às vezes. Questionados sobre essa situação, o consultor H1-03 disse que esse deslocamento é necessário quando necessitam de atendimento médico. Com relação ao grupo H2, a maioria disse que raramente vai a San Matias, há uma resistência por parte deles em ir à cidade boliviana.

No caso do grupo M1, a maioria disse que vai às vezes, justificando atendimento médico bem como por lazer, isto é, campeonatos de futebol. O grupo M2, assim como o H2, raramente vão a San Matias, principalmente por aspectos familiares. A relação entre brasileiros e bolivianos na Corixa foi diminuindo com o passar do tempo, agora parecem ser eventuais.

Embora haja uma atitude bastante positiva sobre essa convivência, verificamos que, dos 12 consultores entrevistados, nenhum demonstrou interesse em querer morar em San Matias, conforme observamos gráfico abaixo a partir das respostas da seguinte questão: Q05. *Você, o(a) senhor(a), tem vontade de morar em San Matias? Por quê?*

Gráfico 03: Pretensão de residência em San Matias



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nas entrevistas.

Qual seria a explicação para essa negação? Nossa hipótese pauta-se no processo de institucionalização da fronteira pelos órgãos de segurança que, ao delimitarem o espaço com presença física, delimitaram também as relações interpessoais entre brasileiros e bolivianos e, por conseguinte, a(s) língua(s) falada(s) pelas comunidades lindeiras. O discurso do medo advindo das

*CLARABOIA, Jacarezinho/PR, v.12, p. 28-47, jul./dez, 2019. ISSN: 2357-9234.*

notícias sobre violência na cidade boliviana faz com que deixe de ser atrativa, embora tenha mais recursos e oportunidades que a Corixa. Analisemos as razões dessa negação:

- H1-01: “*Não, porque não vou me acostumar*”.
- H1-02: “*Não, porque lá não tem serviço*”.
- H1-03: “*Não, porque moro no Brasil*”
- H1-04: “*Não, porque nasci e cresci aqui, mudar pra quê?*”
- H1-05: “*Não, porque já me acostumei no Brasil*”
- H1-06: “*Não, não tenho nenhuma vontade*”.
- H1-07: “*Não, porque não me adapto bem lá*”
- M1-08: “*Não, porque eu não gosto*”.
- M1-09: “*Não, pela comunicação, eu não entendo a língua deles*”.
- M2-10: “*Não, porque não gosto*”.
- M2-11: “*Não, porque eu não gosto desse lugar*”.
- M2-12: “*Não, porque não me acostumo*”.

Os consultores ao justificarem a razão para não morar em San Matias, apresentam uma atitude bastante negativa, um paradoxo diante da questão anterior sobre a convivência com os bolivianos. Para os consultores da pesquisa, conviver com os bolivianos significa recebê-los em território brasileiro ou visitá-los de vez em quando ou por algum tipo de necessidade. O aspecto cultural é demarcador de identidades, tanto é que muitos responderam que não se acostumariam, que não gostam da cidade e, principalmente, que não entenderiam a língua espanhola.

Questionados sobre o porquê do medo de muitos cacerenses em visitar a Corixa, os consultores responderam que isso se deve em muito aos bolivianos que cometem algum tipo de ilicitude, dizem que são de San Matias e acabam afetando a imagem da comunidade, já que consideram um lugar tranquilo. Há um jogo de imagens que se estrutura, como dissemos anteriormente, com o poder dos meios de comunicação.

Segundo a consultora M2-11, “*não existe corixa boliviana, e sim a comunidade de San Juan de Corralito*”. Portanto, o problema da violência está do lado boliviano e não brasileiro, dessa forma, não gosta de ser confundida.

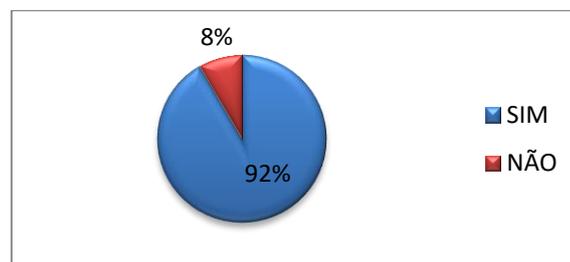
Segundo Lambert e Wallace (1986, p. 107) “as atitudes desempenham papéis importantes na determinação de nosso comportamento”. Essa atitude negativa dos consultores em torno dessa confusão constitui uma possível explicação para o gesto de resistência à aprendizagem da língua espanhola, ou seja, embora sejam vizinhos dos bolivianos, sentem a necessidade de separar

certos elementos identificatórios, e o principal deles é a língua, já que, em aspectos físicos, são muito semelhantes, entretanto, o boliviano, ao falar português, fala “com sotaque”.

Essa demarcação se (re)produz a partir dos dêiticos “aqui” e “lá”, significando que aqueles que moram “aqui”(Corixa, Brasil), são tranquilos, falam português, diferente dos bolivianos, aqueles que moram “lá”(San Matias, Bolívia), os que falam castelhano.

Mesmo com essa atitude centralizadora, as relações familiares e de amizade parecem estar acima de qualquer divisão. Sobre a pergunta Q06. *Você, o(a) senhor(a), tem amigos bolivianos?*, verificamos que 92% dos consultores possuem amigos bolivianos:

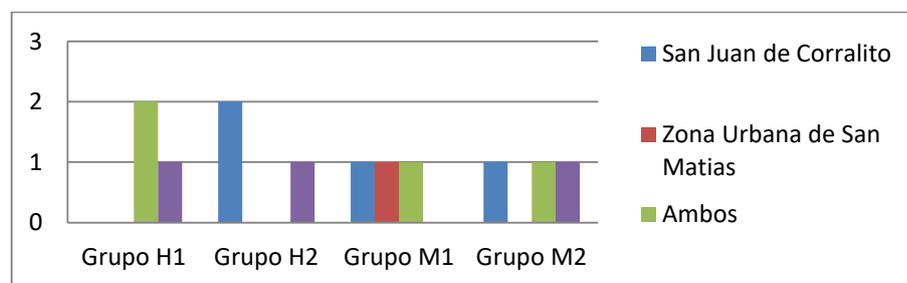
Gráfico 04: Demonstração quantitativa de amigos bolivianos



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nas entrevistas.

A relação de amizade varia conforme a residência do amigo na Bolívia. Por isso foi feita a seguinte pergunta: Q07. *Seus amigos moram na Corixa boliviana, no centro de San Matias, ou em ambos?*

Gráfico 05: Identificação da origem das amizades



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nas entrevistas.

A tabela demonstra que o grupo H1, conformado por homens mais jovens, possui amigos tanto em San Juan de Corralito quanto em San Matias. Entretanto um dos consultores respondeu que não tem amigo boliviano, assim como mais dois consultores, isto é, um do grupo H2 e outro do grupo M2. Isso demonstra que há uma relação bastante afetuosa, embora haja resistência.

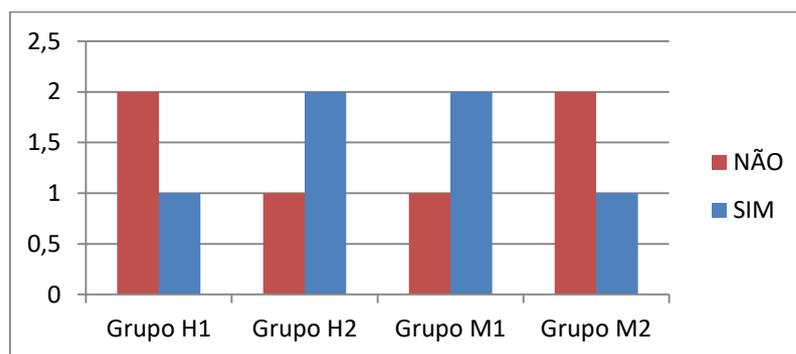
Já o grupo H2, composto por homens mais velhos, possuem, em sua maioria, amigos só em San Juan de Corralito, o que demonstra mais proximidade a essa comunidade por razões históricas de convivência.

Essa atitude de não querer ter amigos bolivianos significa, implicitamente, não querer se envolver com tudo aquilo que diz respeito a Bolívia. O consultor H1-02, por exemplo, disse que “*tem conhecidos*”, o que significa, em consonância a essa discussão, uma forma de suavizar as relações, mas demarcando o seu lugar enquanto brasileiro, portanto, diferente.

Com relação às mulheres, notamos que o grupo M1 possui amigos bolivianos tanto na zona rural quanto urbana, assim como o grupo M2, mas também com certa resistência. Podemos interpretar que os grupos H2 e M1 possuem uma relação bastante intensa com os bolivianos, entretanto, o afeto parece estar subordinado ao medo, na medida em que as relações institucionais se colocam mais presentes. A resistência de alguns corrobora a ideia de que o distanciamento é positivo, pois evita pré-julgamentos em virtude da situação de violência associada ao narcotráfico.

Além de amigos, procuramos entender se os consultores possuíam alguma relação familiar em San Matias. Por isso, fizemos a seguinte pergunta: Q08. *Você, o(a) senhor(a) tem parentes em San Matias?*

Gráfico 06: Demonstração da presença de familiares em San Matias



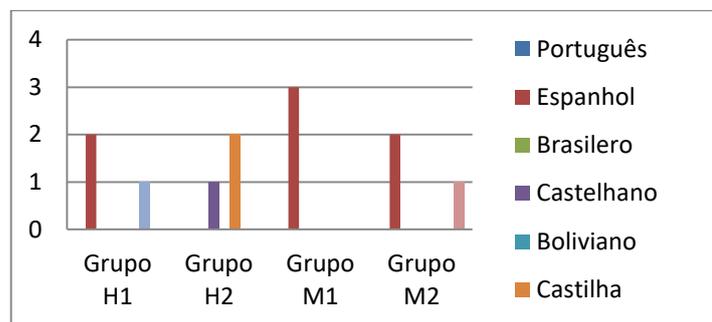
Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nas entrevistas.

De acordo com o gráfico 06, podemos notar que o grupo H1, em sua maioria, não tem parentes em San Matias, pois muitos residem em Cáceres. Diferente do grupo H2 que, por ser conformado por homens mais velhos, a relação com bolivianos era mais efetiva no passado, inclusive com muitos matrimônios, conforme declaração dos consultores nativos.

Paradoxalmente, o grupo M1, conformado por mulheres mais jovens, tem mais amigos que o grupo M2, pois este último se dedica mais ao trabalho doméstico, dando prioridade as suas famílias.

A respeito da língua falada pelos amigos bolivianos, perguntamos Q09. *Como se chama a língua que falam seus amigos bolivianos?* para verificar como é que a língua é designada na Corixa. Selecionamos alguns nomes comuns presentes em contextos de fronteira para verificar o grau de uso.

Gráfico 07: Identificação do nome da língua falada pelos amigos bolivianos



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nas entrevistas.

Segundo Sturza (2005, p.48), “o português é “brasileiro” e o espanhol é “castelhano”, e a diferença reside também no fato ligado à “hereditariedade linguística – língua portuguesa de Portugal e língua espanhola da Espanha e aos seus domínios políticos na América hispânica”. Quando o consultor diz que fala “brasileiro”, demarca pelo nome da língua sua origem, localidade. Sua atitude sociolinguística é de se fazer diferente em relação ao boliviano pela língua que fala. Portanto, falar misturado é uma atitude de querer se aproximar. Já falar na sua língua e ouvir na língua do outro, neste caso, significa comunicar-se com um certo limite. Essa segunda prática parece ser mais recorrente entre os moradores da Corixa.

De acordo com Fernández (1998), o fato de a língua manter uma relação intrínseca com a identidade, é inevitável perceber essa conexão materializada nas atitudes dos indivíduos sobre as línguas que falam. Portanto, não saber que a língua oficial do outro é o espanhol, corresponde a ter uma atitude de indiferença à língua que é falada.

A respeito das nomeações das línguas, verificamos que no grupo H1, 02 consultores responderam espanhol, enquanto 01 respondeu portunhol. Questionado sobre essa designação, o consultor respondeu que, para ele, na Corixa se fala misturado. É interessante analisar sua resposta diferenciada, porque o mesmo morou no interior de São Paulo por algum tempo, fato que influenciou seu modo de olhar sobre a fala tanto do brasileiro quanto do boliviano.

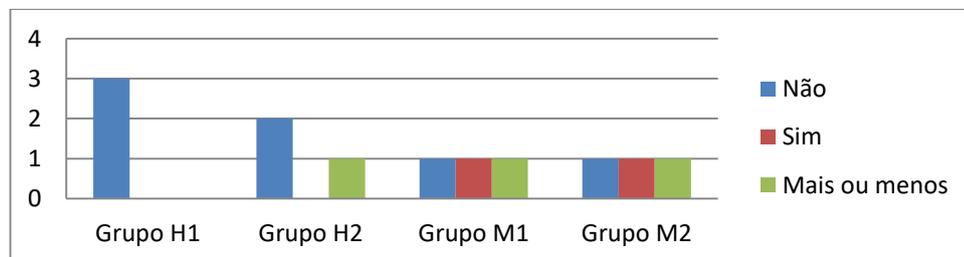
No caso do grupo H2, a maioria designou como “castilha” a língua dos amigos bolivianos. Isso se deve porque há uma tradição na Bolívia, sobretudo, por pessoas mais velhas de nomear como língua castelhana a língua oficial do país, fazendo referência à cidade de origem, designação abasileirada pela forma “castilha”.

Já, em relação ao grupo M1, vemos que a designação à língua é mais atual, isto é, língua espanhola. Essa designação está relacionada ao processo educacional, pois dois consultoras estudaram até o ensino médio e, por consequência, tiveram aulas de língua espanhola. Já a terceira consultora que possui o ensino fundamental incompleto designou dessa forma porque aprendeu dessa maneira com os bolivianos.

O grupo M2, em sua maioria, também, respondeu espanhol, com o detalhe que não tiveram essa disciplina durante a escola. Uma estudou até a quarta série e a outra não tem escolaridade. A designação língua espanhola se deu pelo contato com os bolivianos. A mais velha de todas não soube responder o nome da língua, mas reconhece que é diferente do “brasileiro”.

Inversamente, por meio da questão 09, buscamos saber se os consultores sabiam a língua do boliviano com a pergunta: Q10. *Você, o(a) senhor(a), sabe falar espanhol? Caso SIM, como você, o(a) senhor(a), aprendeu? Caso NÃO, por que não quis aprender?*

Gráfico 08: Demonstração de domínio da língua espanhola pelos consultores



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nas entrevistas.

O grupo H1, em sua totalidade, não sabe falar espanhol. Possuem uma atitude linguística mais fechada. O consultor H1-01 respondeu que não há a necessidade de aprender espanhol “*porque entende que o boliviano fala português*”, embora muito pouco. Já o H1-02 respondeu que “*acha uma língua um pouco difícil, mas que não haveria a necessidade de aprender porque todos falam português, e em San Matias fala-se portunbol*”. Por último, o H1-03 explicou que sabe algumas palavras, mas que “*não se adaptou ao idioma*”. Nota-se uma atitude bastante indiferente à língua espanhola por parte deste grupo. A língua parece não ter valor pelo uso expansivo do português, inclusive pelos próprios bolivianos.

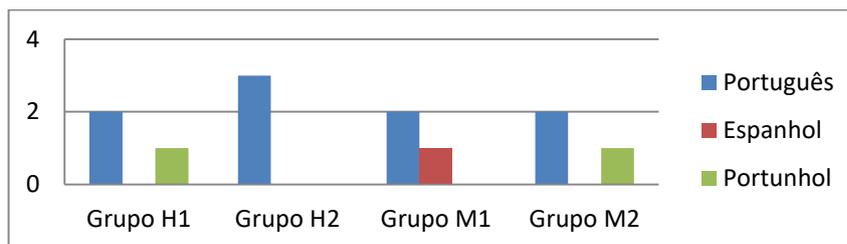
Sobre o grupo H2, dois consultores responderam que não sabem falar espanhol. O consultor H2-01 disse que “*nasceu na Corixa e que não participava de nada na Bolívia, por isso não aprendeu o idioma*”. Já o H2-02 respondeu que “*sabe mais ou menos*”, enquanto que o H2-03 explicou que “*sabia algumas palavras*”. Poucos foram os consultores que demonstraram algum interesse pela língua espanhola, já a maioria apresentou uma atitude de indiferença.

As respostas dos grupos M1 e M2 aparecem correlatas, porém com pontos de vistas um pouco diferentes. A consultora M1-01 respondeu que “*sabe falar espanhol e aprendeu em San Juan de Corralito*” assim como a consultora M2-02. Já a consultora M1-02 e a M2-03 disseram que “*sabem mais ou menos espanhol*”. As consultoras M1-03 e M2-01 justificaram que não aprenderam porque têm “*dificuldades para pronunciar*”.

No caso do grupo das mulheres, há uma atitude mais aberta em querer aprender o espanhol, bem diferente em relação ao grupo dos homens. Segundo Saville-Troike (1989, p.182 *apud* Amancio 2007, p.46) “*(...) a língua pode ser usada como um artifício de discriminação e controle, categorizando as pessoas e colocando-as e/ou mantendo-as em determinados lugares sociais*”.

Nessa perspectiva, comunicar em língua espanhola, na Corixa, significa falar português com algumas expressões, ou palavras do vocabulário boliviano. Isso fica evidente com as respostas da pergunta Q10. *Quando o boliviano chega para conversar com você – senhor(a)- em que língua vocês se comunicam?*

Gráfico 09: Identificação da língua utilizada na comunicação entre brasileiros e bolivianos



Fonte: Gráfico elaborado pelos autores com base nas entrevistas.

A maioria dos grupos respondeu que preferem se comunicar em português, demonstrando uma atitude linguística negativa ao espanhol. Apenas 02 consultores, um do grupo H1 e outro do M1, responderam que se comunicam em portunhol, demonstrando que possuem interesse em aprender a língua dos bolivianos. Vale ressaltar que são jovens e que, principalmente, as mulheres mantêm mais contato com os amigos bolivianos tanto em San Juan de Corralito quanto em Corixa.

De acordo com Fernández (1998), uma atitude negativa produz como consequência o abandono ou esquecimento de uma língua, ou mesmo sua difusão. Neste caso, a resistência ao espanhol faz com que muitos moradores brasileiros deixem de utilizá-lo em consequência do português. Por isso, muitos responderam que a comunicação com os bolivianos se dá na seguinte relação: cada um fala na sua língua.

### **Considerações Finais**

Este estudo revelou que os consultores nativos brasileiros apresentam uma significativa consciência do funcionamento das línguas na fronteira, especificamente, do português e do espanhol. Além disso, reconhecem e identificam-se com sua variedade local, mantendo sempre um certo distanciamento da língua espanhola.

Em relação à comunicação estabelecida com os bolivianos, afirmam categoricamente que brasileiro fala português e boliviano fala castelhano. Não há, por parte dos consultores, uma atitude positiva em dizer que está procurando aprender espanhol para poder se comunicar. Há uma atitude bastante positiva sobre a língua que falam, uma valorização das características culturais da comunidade, um sentimento de orgulho a tudo que se relaciona a Corixa, logo ao Brasil.

Podemos verificar que o português é a língua que predomina dentro da comunidade de Corixa, portanto, uma língua de prestígio que, conseqüentemente, atribui aos seus moradores um grande valor social, fato que demonstra o grande interesse por parte dos bolivianos em querer aprender português.

A maioria dos consultores afirmou que não sabe falar espanhol ou castelhano, mas que entendem um pouco o que os bolivianos falam. Deixaram claro também que não possuem nenhum interesse em morar em San Matias, pois preferem seguir a vida na Corixa por considerarem um lugar mais tranquilo, em outras palavras, mais seguro por estar circunscrita por órgãos de segurança.

Embora os limites não estejam explicitados geograficamente, os moradores da Corixa sabem que há uma divisão e que, nessa demarcação, os brasileiros não esquecem de suas origens e não querem ser confundidos com bolivianos. A fronteira pode ser imaginária enquanto prática social, mas se concretiza quando as relações são controladas, vigiadas, fiscalizadas.

A língua, nesse sentido, materializa, pelas atitudes dos moradores, esse funcionamento institucional, porém não elimina ou afasta as relações familiares e de amizade. A consciência do “aqui” em oposição ao de “lá” evidencia que a divisão está presente, mas o intercâmbio é

inevitável porque a necessidade, o lazer, a religiosidade, entre outros aspectos culturais dessa fronteira rompem com os imaginários de unidade linguística.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, José L.C. A produção das fronteiras nacionais no telejornalismo brasileiro: análise de algumas séries especiais de reportagem sobre as fronteiras do Brasil. In: Ministério da Justiça. Segurança, Justiça e Cidadania. Ano 4, n.8. Brasília: Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), 2014.
- ALMT. A fronteira Brasil-Bolívia no Mato Grosso. CootradeMista de Trabalho Multidisciplinar Ltd (org). Cuiabá: ALMT, 2016.
- AMANCIO, Rosana Gemima. As “Cidades Trigêmeas”: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade / Rosana Gemima Amancio. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007.
- CUÉLLAR, F.P & YAVARÍ, F.R. San Matías, la esperanza de la libertad. Santa Cruz de La Sierra, Bolívia: Sirena, 2008.
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. Actitudes Lingüísticas. In: \_\_\_\_\_. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, SA: 1998.
- JANUÁRIO, Elias Renato da Silva. Caminhos da Fronteira: educação e diversidade em escolas da fronteira Brasil – Bolívia (Cáceres/MT). Cáceres, MT: UNEMAT Editora, 2004.
- KRAMSCH, Claire. Context and Culture in Language Teaching. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- LAMBERT, W. & WALLACE, C. Psicologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- MARTINS, A. R. Fronteiras e nações. São Paulo, SP: Contexto, 1998.
- MOLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLICA, M.C, C. BRAGA, M.L (Orgs.)Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O Conceito de Identidade em Lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (org.) *Língua(gem) e Identidade*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. PP.21-45.
- SILVA, Fernando J.D. (Dissertação de Mestrado) Língua, escola e fronteira: entre aprender e aprender sobre língua nacional. / Fernando Jesus da Silva. Cáceres/MT: UNEMAT, 2012.
- SILVA PAULA, S. M. Soldados de Fronteira: Memórias e narrativas da criação do 2º Batalhão de Fronteira. Cáceres, MT: Ed. Autor, 2008.
- TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolingüística. São Paulo: Ática, 1986.
- Google Maps. Mapa da Corixa. <<https://www.google.com/maps/@-16.404678,-58.364437,12z?hl=pt-BR>> Acesso em: 20 de julho de 2018.
- Jornalhttp://www.jornaloeste.com.br/noticias/exibir.asp?id=42534&noticia=mulher\_e\_presa\_a\_o\_tentar\_passar\_pela\_barreira\_do\_gefron\_com\_drogas\_nas\_partes\_intimas>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

Recebido em: 7/9/2018

Aprovado em: 1/2/2019